

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, E. Ferreira,

M. Laranjeira, M. Lourinho, F. Mendes e E. Miranda

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XVII

DEZEMBRO 1956

N.º 123

«O acusador dos irmãos» é um título expressivo dado pelo Senhor ao diabo. Ele está bem informado, porque de noite e de dia acusa os fiéis. Passa o seu tempo a buscar e realçar as fraquezas dos que fervorosamente se esforçam por seguir o seu Senhor. Notai que o diabo não é chamado o acusador dos pecadores. Ele parece deixar esta classe sem lhe tocar, embora pudesse encontrar muito que apontar nela e com muito menos esforço. Mas concentra a sua atenção nos que amam ao Senhor e que, apesar das suas fraquezas e dificuldades, ardentemente se esforçam por O seguir.

Nenhuma boa pessoa está isenta dos ataques do ímpio acusador. O bom, paciente e manso Moisés não escapou. Quando o anjo de Deus chegou à sepultura de Moisés para o ressuscitar e transportar para o Céu, o acusador ali estava aguardando-o com factos comprovativos da vida de Moisés. Não era uma lista inventada de pecados, a que ele apresentou. A lista revelava com exactidão as faltas e fraquezas daquele dirigente descuidadamente cometidas. O acusador tinha conservado um registo exacto, e ali junto da sepultura disputou o direito de Moisés a morar com os bem-aventurados.

Segundo factos reais, Moisés não tinha provavelmente direito a ir para o Céu. O seu registo condenava-o. Mas uma maravilhosa transacção tinha-se efectuado entre ele e o seu Senhor. Transacção semelhante é belamente descrita na vida do sumo sacerdote Josué, tal como aparece em Zacarias 3. Ali o acusador aparece de novo contra um homem bom, chamando a atenção para os seus erros e fraquezas.

O ACUSADOR DOS IRMÃOS

Satanás foi porém informado de que Josué era um tição arrebatado do incêndio e mesmo ali diante do acusador as vestes manchadas e sujas de Josué foram mudadas por vestes imaculadamente brancas. O registo de fraquezas e pecados foi apagado e em seu lugar foi posto a crédito do sumo sacerdote um registo limpo, de obediência e pureza. A Josué disse Deus: «Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de vestidos novos.»

O Senhor e Seus anjos não gastam o tempo a condenar pobres pecadores e a apresentar os registos do seu passado; só Satanás e os seus auxiliares fazem isso. O Senhor e Seus ministros celestiais estão profundamente interessados em obter que os pecadores arrependidos sejam justificados e se preparem para o Céu.

Enquanto os cristãos estiverem neste Mundo, e prosseguir o seu aperfeiçoamento, não escapam à acusação e à crítica. O ser injustamente criticado e falsamente acusado não é a pior coisa que pode acontecer a uma boa pessoa, isso pode por vezes constituir até uma recomendação; mas aí daquele que se une ao diabo na sua má obra. Torna-se assim um colaborador do terrível inimigo de Deus, um instrumento para a realização do próprio objectivo do diabo.

Por contraste, quão maravilhosa é a atitude do Senhor para com os Seus seguidores! Ele dá-lhes auxílio, não só através dos anjos celestes, mas também através de irmãos na fé. «Quando te converteres»,

Por
R. R. FIGUER
Presidente da Conferência Geral da A. S. D.

disse Ele a Pedro, «confirma teus irmãos.» Pedro converteu-se e intuiu novas forças aos irmãos. Lêde suas epístolas — tão ternas, tão confortadoras, tão encorajantes! Já não fere a pessoas com uma espada como no Jardim. Toda a sua técnica no trato com os que erram se tornou diferente. Notai como ele escreve a alguns que começavam a ceder a solicitações carnis, tornando-se assim excelentes alvos para a crítica: «Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnis que combatem contra a alma.» (1 Pedro 2:11). Esta ternura, esta consideração pelos que erram não conhecia ele anteriormente. Agora, em vez de ridicularizar ou descobrir faltas, ele confortava e animava.

Não é raro chegarem até nós cartas escritas por membros apontando pormenorizadamente certas faltas de membros de igreja. Por qualquer motivo, por vezes, as cartas não estão assinadas, embora as pessoas a quem se referem sejam claramente nomeadas. Talvez todos nós sejamos tentados de quando em quando a escrever tais cartas e a referir-nos a indivíduos que consideramos estarem errando, mas estou certo de que poderemos fazer muito mais e com resultados mais satisfatórios, se empregarmos o mé-

A MINHA PAZ VOS DOU

Em sua estadia na Terra, Jesus enfrentou frequentemente desalentadoras experiências. Todas estas tiveram sua culminância na noite em que foi traído, quando todos os discípulos O abandonaram. Ao enfrentar Jesus o transe da Sua vida e a prova dos séculos, teve de pisar «sòzinho... o lagar, e dos povos ninguém houve» com Ele. Mesmo os onze, que haviam tão recentemente declarado que haviam de partilhar com Ele a morte, se fosse necessário, abandonaram-n'O e fugiram no momento da Sua maior necessidade.

Todavia, quando Jesus Se achava diante dos Seus acusadores e executores, estava tranquilo e sereno. Nem mesmo a negação de Pedro no pátio do julgamento Lhe perturbou a paz de espírito.

A paz de Jesus não dependia de circunstâncias exteriores, mas repousava firmemente em Sua inteira unidade com o Pai. A esse respeito diz a mensageira do Senhor: «No coração de Cristo, onde reinava perfeita harmonia com Deus, havia perfeita paz. Jamais Se exaltou por aplausos, nem se abateu pela censura ou a decepção. Em meio da maior oposição e do mais cruel tratamento, estava ainda de bom ânimo.» — *O Desejado de Todas as Nações*.

Uma tão imperturbável paz em todas as vicissitudes da vida, Jesus graciosamente nos oferece, a vós e a mim. Ouvi-Lhe o amável oferecimento: «Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou.» S. João 14:27. E o apóstolo Paulo verifica a realidade desta paz, pois nos assegura que «a paz de Deus que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus». Fil. 4:7.

todo seguido por Pedro após a sua conversão, de falar bondosa e amavelmente aos que erram.

«Vós que sois espirituais, encaminhai o tal [o que erra] com espírito de mansidão.» (Gálatas 6:1).

Por

A. P. WALLENKAMPF

Mas esta permanente paz que Jesus nos está estendendo, a vós e a mim, só se obtém pelo mesmo preço que Ele próprio pagou. Esse preço é a plena entrega a Deus. «Muitos, porém, que professam ser Seus seguidores, têm um coração ansioso e turbado, porque temem confiar-se a Deus. Não Lhe fazem uma inteira entrega; pois recuam do que essa entrega possa envolver. A menos que façam essa entrega, não podem encontrar a paz.» *Idem*. «Assim diz o Senhor, ... Ah! se tivesses dado ouvidos aos Meus mandamentos! então seria a tua paz como o rio, e a tua justiça

como as ondas do mar.» Isaías 48:17, 18.

A paz de espírito que Deus está disposto e ansioso por nos dar, a vós e a mim, neste desconcertante século, é tão superabundante e ilimitada como as incessantes ondas do oceano. Não há insuficiência nem mesquimhez quanto ao dom de Deus; Sua paz é plena e gratuita para todos os que se Lhe entregam sem reservas.

O profeta evangélico, Isaías, que morreu finalmente a morte de um mártir, sabia que a paz perfeita é o resultado da completa submissão à vontade de Deus. Acerca dessa paz, divinamente assegurada — o dom de Deus aos que n'Ele confiam — testifica ele nas palavras seguintes: «Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em Ti; porque ele confia em Ti.» Isaías 26:3.

EU AMO A MINHA IGREJA

Por um oficial
de uma igreja local

Eu amo a minha igreja. Depois da minha família, amo-a acima de tudo quanto existe na Terra.

Temos apenas alguns membros — menos de 50 — de sorte que todos podemos participar nas funções da igreja. Damos com frequência passeios no meio da natureza com os nossos filhos, e no Inverno temos horas sociais dentro de casa, no Sábado à noite. Com o barulho das crianças e as marchas dos jovens por vezes há um pouco de ruído, mas tudo isso proporciona uma camaradagem cristã salutar. E o facto de uns e outros partilharem a sua comida oferece um meio excelente de provar e aprender novas e apetitosas receitas culinárias.

Também trabalhamos juntos. Durante os passados três anos remodelámos por completo o edificio da igreja. Isso implica a instalação de um novo sistema de aquecimento, a reparação do soalho, a instalação de lavatórios onde ne-

nhuns existiam antes e o aformoseamento do terreno. Tudo isto se fez com um mínimo de auxílio de pessoas estranhas à igreja. Sabemos por experiência que o trabalhar juntos nos aproxima uns dos outros.

Mas não somos uma sociedade que apenas se auxilia a si própria. Temos também continuamente em execução um ou mais projectos missionários. Um dos que exigem mais esforços é, naturalmente, a campanha das missões. Este foi o nosso melhor ano. Sentimo-nos realmente felizes e o Senhor abençoou os nossos esforços de sorte que atingimos rapidamente o nosso objectivo.

Também gostamos de fazer visitas. Uma vez cada mês, congregamos uma tarde de Sábado a visitar sistematicamente os lares. Isso não só nos aproxima uns dos

outros, mas também do Irmão Ancião.

E fazemos bom uso da nossa esplêndida literatura denominacional, enviando assinaturas a não adventistas e distribuindo números avulsos de porta em porta. Por vezes reunimo-nos para escrever cartas missionárias aos outros membros do ultramar ou para enviar a nossa literatura a certa vizinhança ou a certas classes de pessoas.

Alguns dos membros têm além destes, os seus projectos missionários privados, tais como dar estudos bíblicos ou enviar pelo correio a nossa literatura cheia de verdade. Como podeis esperar, os nossos projectos missionários em favor dos outros exercem maravilhoso efeito sobre nós também, quer sob o ponto de vista colectivo, quer individualmente.

Como somos uma congregação tão pequena, quando alguém está ausente sente-se agudamente a sua falta. Cada um tem alguma responsabilidade visto que mantemos um programa de igreja completo, incluindo a Escola Sabatina, a Sociedade dos Missionários Voluntários, a Sociedade de Dorcas, a reunião de oração e o grupo de visitas a doentes.

Os que nos visitam são calorosamente recebidos em nossa igreja; isto é fácil de se fazer, visto serem facilmente reconhecidos.

Sei que os outros membros se amam uns aos outros, porque nunca ouço palavras de crítica nem vejo apontar as faltas de ninguém. Gostamos da companhia mútua em todos os empreendimentos, quer religiosos, quer seculares, porque Jesus nos chamou e uniu os nossos corações em amor.

Mas não é tudo. Sentimo-nos em família com os membros da nossa igreja de qualquer distrito do país ou de qualquer ponto do Mundo. O amor de Jesus não só permeou, subjugou e iluminou a nossa congregação local, mas fez o mesmo aos corações em todo o Mundo. Todos aguardamos a iminente volta do nosso Mestre e albergamos a Sua Palavra em nossos corações ainda que tenhamos diferentes hábitos de vestir, comer e

Retratos da personalidade

Admite-se que o estar ocupado é uma qualidade extremamente desejável. Ensinam-nos desde a meninice a olhar para a formiga na sua infatigável actividade e, por isso, não há ninguém que queira ser preguiçoso. Concordo, sinceramente, com tudo isto. Mas o Tipo Ocupado a que me refiro é um pouco diferente.

Para ilustrar. Tive, recentemente, a sorte de encontrar uma senhora do meu conhecimento. Trocados os convencionais «Como está, passou bem?», a conversa tomou o seguinte rumo:

A senhora: — A família está bem?

Eu: — O Jorge esteve muito doente. Mas vai indo melhor...

A senhora (com o olhar errando sobre as pessoas que passavam): — Oh, que pena!

Eu: — Sim, a doença dele preocupou-me muito, porque...

A senhora (ajeitando os ombros e com os olhos focando um ponto distante por cima dos meus ombros): — As crianças adoecem tão facilmente.

Eu (já a ferver interiormente): — Pois é...

A senhora (consultando o relógio): — Estou com muita pressa. Tive muito prazer em vê-la.

Fiquei ali pregada, vendo-a afastar-se, apressadamente. Daí a momentos encontrou outro conhecimento e vi-a repetir o feito — os mesmos olhares errantes, a rápida consulta ao relógio, as observações desinteressadas.

Reconheço que todos nós andamos numa roda viva para atender a entrevistas, fazer compras, estar a horas no emprego. Mas quando estamos tão ocupados que não podemos participar delicadamente nu-

viajar. Falamos todos a mesma linguagem de fé, amor e obras.

A minha igreja é um grande corpo espiritual e eu amo a cada membro. Não sentis da mesma maneira?

Por

ANNE OBSERVER

ma conversa é porque nos estamos aproximando, perigosamente, do Tipo Ocupado.

Há um cavalheiro das minhas relações que, por dever de ofício, tem de tratar de muitos problemas e de tomar muitas decisões. Creio que ele não sabe que todas as pessoas receiam falar-lhe porque nunca parece dar-lhes a devida atenção. É possível que ele seja um mestre na arte de fazer duas coisas ao mesmo tempo, mas a maior parte das pessoas consideram os seus próprios problemas importantíssimos e gostariam que se lhes dispensasse uma atenção completa.

Dizia há pouco uma avôzinha a um grupo de amigos, falando do seu novo pastor:

— Gostei tanto de conversar com o Pastor X! Mostrou-se sempre interessado no que eu dizia. É assim para toda a gente. Que bom, se houvesse muitos como ele!

«No rosto do entendido se vê a sabedoria, mas os olhos do louco estão nas extremidades da terra.»
Provérbios 17:24.

Eis o Tipo Ocupado — olhos nas extremidades da terra ou, pelo menos, no outro lado da sala.

AOS NOSSOS ASSINANTES

Com o número seguinte desta Revista, chega a altura de se satisfazerem as assinaturas de 1957.

A fim de se evitarem inúteis despesas com cobranças, muito gratos ficaríamos se os nossos estimados assinantes quizessem durante o mês de Dezembro enviar-nos directamente, ou através das suas igrejas, a respectiva importância.

Reuniões de Oração

Grande assembleia no Reino das Trevas, sob a presidência de Satanás.

Satanás — Amigos, na ordem do dia está a discussão sobre as reuniões de oração: Vós sabeis demasiado até do que se trata.

Os espíritos maus — Pois, pois.

Satanás — O tempo foge; a Igreja cristã vai entrar no período de maior actividade. É verdade que até aqui não tivemos que suportar muito as suas ofensivas. Mas nós devemos-lo, sobretudo, como vos deveis lembrar, ao vigor empregado contra estas reuniões de oração. Nada há que eu deteste tanto como essas reuniões de oração; nada há mais funesto ao meu império; é indispensável que no período em que vamos entrar dupliquemos a vigilância e os esforços. ... De acordo? Dou a palavra a Belzebu.

Belzebu — Partilho inteiramente a opinião do nosso presidente. Morte às reuniões de oração! Mas, para bem executar a nossa obra é necessário que cada um faça o seu dever. Eu, pelo que me toca, encarrogo-me de diminuir o número de presenças às reuniões.

Um espírito — O quê! Então já não conseguimos tudo quanto nos era possível nesse ponto?

Belzebu — De modo algum, de modo algum! Consegui obter que uma média de catorze pessoas em cada quinze fique em casa, mas não é o suficiente. É necessário reduzir este número até ao ponto de levar os conselhos a entrarem nos nossos pontos de vista e a suprirem as reuniões.

Os espíritos — Bravo! Apoiado!

Uma voz — Como farás isso?

Belzebu — É bem simples. Sugerirei às pessoas que o local de reunião é muito mais longe do que elas pensam; que o tempo é pouco favorável; que a própria reunião é de pouca importância; esforçar-me-ei por fazê-la esquecer!

O espírito de preguiça — Conta comigo para te ajudar e apoiar!

O espírito de dúvida — Farei pensar a alguns: «Para que serve isso?»

O espírito de desordem — Conseguirei que nos lares a refeição esteja atrasada, que surjam embaraços à última hora e que enfadadamente fiquem antes em casa sob pretexto de melhor servir a vontade de Deus.

Belzebu — Muito obrigado; isso vai facilitar-me a tarefa. Conto convosco, meus amigos. De mais a mais eu vigiarei sobretudo os presidentes (*movimentos de atenção*) ... sim, eu observei que quando consigo o presidente, consigo toda a reunião.

Satanás — É evidente! Continua.

Belzebu — Tomarei as minhas medidas para que o presidente da reunião tome a sua refeição à pressa, que ele não tenha nem um minuto para escolher as suas leituras, os seus hinos, os seus motivos de intercessão e sobretudo para buscar em segredo as forças tão temíveis do Espírito Santo. Encheirei a sua alma de diversas preocupações...

O espírito de preguiça — Eu terei deixado um pouco de pó nos hinários, nos bancos e, segundo as circunstâncias, estabelecerei uma corrente de ar ou suprimirei a ventilação.

Satanás — Muiíssimo bem; e depois?

O espírito de desordem — Tomarei todas as minhas precauções para que o presidente esteja tão distante quanto possível da assembleia, e para que os membros estejam sentados tão longe uns dos outros quanto possível como se eles fossem pestíferos... (*Hilariedade geral*).

Belzebu — Esses pormenores têm a sua importância, mas pela minha parte conto vigiar os nossos interesses num grau mais elevado. É-me absolutamente necessário que eles se reúnam sem espírito de ora-

ção, sem alegria, sem fervor, sem caridade...

O espírito de dúvida — E sobretudo sem fé. (*Aparte*) Estas deploráveis promessas de Deus já me causaram tanto dano!

Belzebu — Darei a uns a falsa vergonha e eles se calarão.

Satanás (vivamente) — Nem todos, espero! Eu conto absolutamente com as orações de alguns; elas servem para adormecer os outros.

Belzebu (um pouco vexado) — Eu pensava naqueles cujas orações são uma bênção. É absolutamente indispensável que eles tenham a boca fechada; cerrada ao ponto de nunca orar, nunca sugerir um hino, ou lembrar algum versículo...

Os espíritos — Muito bem! Muito bem! Isso basta, triunfaremos!

A sessão ia ser levantada quando um novo espírito surgiu do abismo.

O espírito — Triunfar? Ainda não! Acabo de ter conhecimento de uma terrível notícia; um certo número deles, resolvidos a vencerem-nos, oram já para que as reuniões do Inverno sejam abençoadas. São pessoas que crêm nas promessas de Deus e que estão determinadas a perseverar até que o nosso poder seja abalado. (*Movimento de inquietação*).

Belzebu — Eles são em tão pequeno número!

O espírito de dúvida — Mas que importa, se eles crêm?

Satanás — Eles crêm, dizeis? Ah, meus amigos, desanimais-me! Pela sua fé eles são capazes de fazer despertar a Igreja! Se eles crêm, a resistência é inútil! — Digo-vos-lo em nome da minha velha experiência, nós nada poderemos contra a sua fé!

(De *Le Messager*)

Já adquiriu o maravilhoso livro da Irmã White «O Desejado de Todas as Nações»? É não só útil para si, mas também será uma valiosa oferta para fazer aos seus amigos.

A CONSTITUIÇÃO PORTUGUESA

E A LIBERDADE RELIGIOSA

Nas suas linhas gerais, a evolução do Direito Constitucional português no campo da liberdade religiosa operou-se num sentido progressivo.

Quando a revolução liberal do Vintismo deu ao país a *Constituição de 1822*, era de esperar que, com as outras liberdades, fosse reivindicada a liberdade religiosa. Assim não sucedeu, porém. Além de se reservar aos Bispos «a censura dos escritos publicados sobre o dogma e moral», ficando determinado que «o Governo auxiliará os mesmos Bispos, para serem punidos os culpados» (art. 8), estabelece-se que «a Religião da Nação Portuguesa é a Católica Apostólica Romana. Permite-se contudo aos estrangeiros o exercício particular dos seus respectivos cultos». (Art. 25).

Era, assim, negada a liberdade religiosa. Aos portugueses não era permitido, nem sequer em particular, o exercício de qualquer outro culto que não fosse o católico, ficando eles desta maneira em situação de inferioridade perante os estrangeiros residentes no país, a quem tal liberdade era reconhecida.

À primeira vista, seria de estranhar que se não tenham seguido neste pormenor os princípios das diferentes Constituições francesas anteriores à nossa, que lhe serviram de modelo e nas quais se contém a liberdade religiosa, como consequência indiscutível da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789. Mas «esta atitude foi determinada sobretudo pela necessidade de conciliar as simpatias da Igreja que a origem maçónica dos chefes do vintismo tinha elevado a uma posição de desconfiança, senão de hostilidade, às novas ideias constitucionais» (1).

Mais radical foi, aliás, a Constituição Espanhola de 1812, na qual a nossa também se inspirou: «A religião da nação espanhola é e será perpétuamente a católica, apostólica, romana, única verda-

deira. A nação a protege por leis sábias e justas, e proíbe o exercício de qualquer outra.» (Art. 12.º). Não falamos já na Constituição da Venezuela, de 1814, de uma intolerância dificilmente conciliável com a filosofia liberal que a inspira. Logo no seu art. 1.º, lê-se: «A religião católica apostólica romana é também a religião do Estado, e a única e exclusiva dos habitantes da Venezuela. O protegê-la, e conservá-la pura e inviolável será um dos primeiros deveres da representação nacional, que não permitirá nunca, em parte alguma do território da confederação, nenhum outro culto público nem particular, nem doutrina contrária à de Jesus Cristo.» (2)

A *Carta Constitucional de 1826*, manifestamente inspirada na Constituição de 1822, estabelece no art. 6.º que «a Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras religiões serão permitidas aos estrangeiros com seu culto doméstico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.»

No art. 145.º, § 4.º, aparece, porém, um elemento novo, que até certo ponto está em contradição com a doutrina do art. 6.º. Com efeito, segundo aquele artigo, «ninguém pode ser perseguido por motivos de religião, uma vez que respeite a do Estado, e não ofenda a moral pública.»

Como vemos, neste particular a Carta é um pouco mais liberal do que a Constituição de 1822.

Sob o ponto de vista da liberdade religiosa, o nosso documento político mais perfeito do século XIX foi a *Constituição de 1838*. Nela desaparece a humilhante descriminação entre estrangeiros e portugueses, determinando-se que «ninguém pode ser perseguido por motivos de Religião, contanto que respeite a do Estado».

Por ERNÉSTO FERREIRA

(Art. 11.º). Esta Constituição não conseguiu porém durar muito, pois que em 1848 entrou de novo em vigor a Carta Constitucional, que subsistiu até ao advento da República.

Foi, pois, muito precária a liberdade das minorias religiosas no nosso constitucionalismo monárquico.

Esta situação, em flagrante contraste com as ideias dominantes noutros países da Europa, mereceu pertinentes reparos por parte de alguns dos nossos mais eminentes juristas.

Depois de denunciar a Carta como atentatória contra a liberdade religiosa, alvitrava o venerando jurisconsulto Silvestre Pinheiro Ferreira: «Se pois todos estes absurdos se seguem da forma em que se acha redigido o artigo 6.º, é indispensável o reformá-lo, tomando-se por base o princípio de que ao governo não compete tomar conhecimento dos assuntos religiosos, porém sim e tão somente assegurar aos ministros do culto católico a fruição dos direitos por eles adquiridos debaixo da protecção das leis.» (3)

No estudo que consagrou à Carta Constitucional, dizia Lopes Praça: «A liberdade sem a igual-

(1) Prof. Marcello Caetano, *Lições de Direito Constitucional e de Ciência Política*, Coimbra, 1952, págs. 225, 226.

(2) Sobre as Constituições estrangeiras anteriores à nossa de 1822, ver *Collecção de Constituições antigas e modernas com o projecto d'outras*, seguidas de um exame comparativo de todas ellas. Por dois Bachareis. São quatro tomos. Ver a Const. Espanhola no Tom. I, Lisboa 1820, pág. 170, e a da Venezuela, no Tom. III, Lisboa 1821, p. 146.

(3) Silvestre Pinheiro Ferreira, *Observações sobre a Constituição do Império do Brazil, e sobre a Carta Constitucional do Reino de Portugal*, 2.ª edição, Paris, 1835, pág. 112.

dade dos cultos não passa de uma tolerância, em que as preferências e os privilégios estão minando de contínuo a verdadeira e legítima liberdade religiosa.» (4) E, tendo passado em revista os dolorosos ensinamentos de perseguição directa e indirecta oferecidos pela nossa história, conclui: «Depois de instaurada a intolerância com todo o aparato sanguinário, não deve surpreender-nos o nosso acanhamento e falta de zelo na conquista dos frutos mais sazonados da moderna civilização.» (5)

Comentando mais tarde a mesma situação, Marnoco e Sousa, «sem dúvida o mais ilustre constitucionalista português» (6), escreveria: «A Carta, tolerando simplesmente as religiões diferentes da católica, ofendia a liberdade dos cidadãos e ia ao encontro do direito de igualdade que ela consagrava. ... Era isto consequência do sistema confessional que inspirava a Carta Constitucional. O Estado julgou-se na necessidade de fazer profissão de um determinado culto, como se tivesse, como os indivíduos, uma alma a salvar. É por isso que o Estado, vendo-se obrigado a admitir no seu território outros cultos, não o fazia sem os reprovos e os considerar com uma certa aversão confessional, isto é, *tolerando-os*, e unicamente quanto ao culto doméstico ou particular.

«Isto não se harmonizava com o Estado moderno, que deve manifestar o sentimento religioso, sem professar uma determinada religião e sem considerar com menos respeito e simpatia os cultos seguidos pela minoria da nação. O Estado moderno não pode falar de tolerância religiosa, mas de liberdade religiosa, pois a primeira representa uma concessão graciosa do Estado, e esta um direito do cidadão.» (7)

A *Constituição de 1911* veio terminar com este estado de coisas, garantindo legalmente, pela primeira vez na nossa história, plena liberdade religiosa para todos os cidadãos.

Merecem menção especial os seguintes números do art. 3.º:

«N. 4.º — A liberdade de consciência e de crença é inviolável.

«N. 5.º — O Estado reconhece a igualdade política e civil de todos os cultos e garante o seu exercício nos limites compatíveis com a ordem pública, as leis e os bons costumes, desde que não ofendam os princípios do direito público português.

«N. 6.º — Ninguém pode ser perseguido por motivo de religião, nem perguntado por autoridade alguma acerca da que professa.

«N. 7.º — Ninguém pode, por motivo de opinião religiosa, ser privado de um direito ou isentado do cumprimento de qualquer dever cívico.

«N. 8.º — É livre o culto público de qualquer religião nas casas para isso escolhidas ou destinadas pelos respectivos crentes, e que poderão sempre tomar forma exterior de templo; mas, no interesse da ordem pública e da liberdade e segurança dos cidadãos, uma lei especial fixará as condições do seu exercício.

N. 9.º — Os cemitérios públicos terão carácter secular, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos, desde que não ofendam a moral pública, os princípios do direito público português e a lei.

«N. 10.º — O ensino ministrado nos estabelecimentos públicos e particulares fiscalizados pelo Estado será neutro em matéria religiosa.

«N. 12.º — É mantida a legislação em vigor que extinguiu e dissolveu em Portugal a Companhia de Jesus, as sociedades nela filiadas, qualquer que seja a sua denominação, e todas as congregações religiosas e ordens monásticas, que jamais serão admitidas em território português.»

Notemos, em primeiro lugar, a afirmação da inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença. Tal afirmação era dispensável, pois, como observava Marnoco e Sousa, citando um autor francês, «é tão ridículo sancionar nas leis a liberdade de consciência como proclamar a liberdade da circulação do sangue.» (8) No entanto, esta declaração no próprio texto da *Constituição* era preciosa como tradução de uma oficial atitude de respeito até então desconhecida.

Estabelecido o princípio, entra-se agora, ao tratar-se das respectivas manifestações externas, no campo estritamente jurídico.

Os números 5 a 9 eram a consequência lógica do reconhecimento da liberdade de consciência e de crença. Com efeito, «todas as religiões têm uma parte externa — o rito, o culto, — não podendo por isso haver liberdade de consciência sem liberdade de cultos. A liberdade de consciência sem a liberdade de cultos é uma liberdade negativa. Não se pode tornar uma liberdade positiva, sem os que seguem uma religião a poderem praticar. Mas a liberdade de cultos seria illusória sem a sua igualdade política e civil. Para que a liberdade de cultos seja completa, é necessário que o Estado trate todas as confissões religiosas dum modo perfeitamente idêntico. ... O Estado não pode ter uma religião, pois não se compreende que ele adopte uma crença oficial sobre a natureza de Deus, sobre a Trindade, sobre o Inferno ou o Purgatório. A missão do Estado nada tem que ver com as ideias religiosas dos membros da sua sociedade. A religião do Estado leva à opressão e à intolerância.» Por isso, «o regimen de separação é aquele que melhor se harmoniza com os princípios do direito público moderno.» (9)

A melhor consagração destes princípios jurídicos encontra-se no facto de que a *Constituição de 1933* os incorporou, quase pelas mesmas palavras, no seu texto.

Com efeito, segundo o art. 8.º, «Constituem direitos e garantias in-

(4) L. P. [Lopes Praça], *Estudos sobre a Carta Constitucional de 1826 e Acto Adicional de 1852*. 1.º volume, Coimbra, 1878, pág. 60.

(5) *Ibid.*, pág. 68.

(6) Prof. Marcello Caetano, *A Constituição de 1933 — Estudo de Direito Político*, Coimbra, 1956, pág. 24.

(7) Marnoco e Souza, *Constituição Política da Republica Portuguesa — Commentario*. Coimbra, 1913, págs. 63 e 77-78.

(8) Marnoco e Souza, *Op. cit.*, pág. 60.

(9) Marnoco e Souza, *Op. cit.*, págs. 62, 63.

dividuais dos cidadãos portugueses:

«3.º A liberdade e a inviolabilidade de crenças e práticas religiosas, não podendo ninguém por causa delas ser perseguido, privado de um direito, ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico. Ninguém será obrigado a responder acerca da religião que professa, a não ser em inquérito estatístico ordenado por lei.»

Sobre as manifestações exteriores propriamente ditas estabeleceu-se o seguinte:

«Art. 45.º É livre o culto público ou particular de todas as religiões, podendo as mesmas organizar-se livremente, de harmonia com as normas da sua hierarquia e disciplina, e constituir por essa forma associações ou organizações a que o Estado reconhece existência civil e personalidade jurídica.

«§ único. Exceptuam-se os actos de culto incompatíveis com a vida e integridade física da pessoa humana e com os bons costumes.

«Art. 46.º Sem prejuízo do preceituado pelas concordatas na esfera do Padroado, o Estado mantém o regime de separação em relação à Igreja Católica e a qualquer outra religião ou culto praticados dentro do território português, e as relações diplomáticas entre a Santa Sé e Portugal, com recíproca representação.

«Art. 47.º Nenhum templo, edificio, dependência ou objecto do culto afecto a uma religião poderá ser destinado pelo Estado a outro fim.

«Art. 48.º Os cemitérios públicos têm carácter secular, podendo os ministros de qualquer religião praticar neles livremente os respectivos ritos.»

Na Constituição de 1933, mantinham-se assim os princípios básicos da Constituição de 1911: a) a liberdade e inviolabilidade de crenças e práticas religiosas; b) a liberdade de culto e de organização para todas as confissões religiosas; c) o regime de separação.

Introduziram-se ainda os seguintes melhoramentos em relação à Constituição anterior: a) desaparece a odiosa proibição, aliás ori-

ginada na altura em que a Igreja Católica era a religião oficial do Estado, lançada contra a Companhia de Jesus e todas as congregações religiosas e ordens monásticas; b) o Estado reconhece existência civil e personalidade jurídica a todas as religiões, desde que se organizem de harmonia com as normas da respectiva hierarquia e disciplina; c) os locais de culto de qualquer religião não podem ser destinados pelo Estado a outro fim.

Existe apenas um artigo que, a nosso ver, apresenta certa vulnerabilidade, o que, de resto, também sucedia noutro sentido com o n.º 10.º, do art. 3.º da Constituição anterior. Lê-se no art. 43.º, § 3.º: «O ensino ministrado pelo Estado visa, além do revigoreamento físico e do aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, à formação do carácter, do valor profissional e de todas as virtudes morais e cívicas, orientadas aquelas pelos princípios da doutrina e moral cristãs, tradicionais do País.»

Aparte este senão, podemos afoitamente declarar que, sob o ponto de vista da liberdade religiosa, a Constituição de 1933, na sua redacção primitiva, é a mais perfeita que até ao presente tivemos.

A completá-la — na realidade ainda antes do seu aparecimento — foi publicado o Acto Colonial, de 1930, que é o primeiro texto constitucional do Estado Novo.

Segundo o seu art. 23.º, «o Estado assegura nos seus territórios ultramarinos a liberdade de consciência e o livre exercício dos diversos cultos, com as restrições exigidas pelos direitos e interesses da soberania de Portugal, bem como pela manutenção da ordem pública, e de harmonia com os tratados e convenções internacionais.»

Pelo art. 24.º, é protegida e auxiliada a acção das missões católicas: «As missões religiosas do Ultramar, instrumento de civilização e de influência nacional, e os estabelecimentos de formação do pessoal para os serviços delas e do Padroado Português, terão personalidade jurídica e serão protegidos e auxiliados pelo Estado, como instituições de ensino.»⁽¹⁰⁾

★

Em 1951 procedeu-se à revisão da Constituição de 1933.

Segundo proposta do Governo, enviada à Assembleia Nacional pelo Sr. Presidente do Conselho, mantinha-se a redacção do art. 8.º, ao passo que os artigos 45.º e 46.º passariam a ter a seguinte redacção:

«Art. 45.º É livre o culto público ou particular da religião católica, como da religião da Nação Portuguesa. A Igreja Católica goza de personalidade jurídica e pode organizar-se de harmonia com o direito canónico e constituir por essa forma associações ou organizações cuja personalidade jurídica é igualmente reconhecida. O Estado mantém, em relação à Igreja Católica, o regime de separação, sem prejuízo das relações diplomáticas entre a Santa Sé e Portugal, com recíproca representação, e das concordatas e acordos aplicáveis na esfera do Padroado ou de outros em que sejam ou venham a ser reguladas matérias de interesse comum.

«Art. 46.º Os princípios de separação e reconhecimento da personalidade jurídica das associações religiosas constituídas em harmonia com as normas da hierarquia e da disciplina respectivas são aplicáveis às mais confissões religiosas ou cultos praticados dentro do território português.

«§ único. Exceptuam-se os actos de culto incompatíveis com a vida e integridade física da pessoa humana e com os bons costumes, assim como a difusão de doutrinas contrárias à ordem social estabelecida.»⁽¹¹⁾

Nesta proposta, são de salientar os seguintes pontos: a) a religião católica é considerada «religião da Nação Portuguesa»; b) o Estado mantém o regime de separação; c) as confissões religiosas não ca-

⁽¹⁰⁾ Este artigo passou, pela Lei n.º 1.900, de 1935, a ter a seguinte redacção: «As missões católicas portuguesas do Ultramar, instrumento de civilização, etc.»

⁽¹¹⁾ *Diário das Sessões*, de 19 de Janeiro de 1951, pág. 287.

tólicas podem livremente exercer os seus cultos, e organizar-se, como associações religiosas, sendo-lhes reconhecida personalidade jurídica, desde que se constituam em harmonia com as normas da hierarquia e da disciplina respectivas.

Consultada a Câmara Corporativa, esta, pela sua Secção de Política e Administração Geral, emitiu um notável parecer, do qual salientamos os seguintes parágrafos:

«Se efectivamente existe em Portugal a liberdade de religião e de culto — que nos tempos correntes é apreciada como um dos benefícios inalienáveis da civilização ocidental — parece que é pela sua afirmação que deve principiar-se.

«Fiel à orientação de tocar o menos possível no texto constitucional, esta secção da Câmara inclinava-se para conservar, pois, o actual artigo 45.º, limitando as alterações a fazer no artigo 46.º, onde, na verdade, se impõe que fique consagrado o princípio de que a Igreja Católica, em cujo seio professa a maioria dos portugueses, tem direito a posição especial.

«Os princípios consignados no artigo 45.º estão hoje no ânimo de quantos, mesmo acreditando firmemente na verdade religiosa, julgam dever prático do Governo e obrigação de caridade cristã deixar que os homens sinceros que professam outras religiões louvem e adorem Deus a seu modo.

«Tanto mais que, nos conturbados tempos que correm, o grande abismo já se não abre entre os fiéis de duas religiões ou os sectários de duas confissões ou igrejas, mas entre os que crêem em Deus e os que o negam, entre os que fazem profissão de fé no Espírito e os que tudo reduzem à fatalidade da Matéria.

«Por isso o artigo 45.º é de manter tal como está.»

Quanto ao artigo 46.º, «a proposta faz a afirmação de que o culto da religião católica é livre como culto da *religião da Nação Portuguesa*. Já se viu acima que a liberdade de cultos deve ser igual para todos. Tanto mais que importa não esquecer que, dentro do

princípio de comunidade de direito orientador da integração do Acto Colonial no texto da Constituição, este preceito contém a regra normativa da conduta do Estado em África, na China e na Índia, onde outras religiões são professadas por grandes núcleos de súbditos portugueses, constituindo maioria nos seus territórios.

«Por outro lado, a Câmara teme que a inscrição na lei constitucional da afirmação da existência de uma *religião da Nação* venha a ser a porta aberta para o regresso a uma *religião oficial*, com os seus inconvenientes práticos. ...

«Nestes termos, o artigo 46.º ficaria assim redigido, no parecer unânime dos signatários deste parecer:

«Art. 46.º O Estado reconhece a posição especial da Igreja Católica, em que professa a maioria dos portugueses. É garantido à Igreja o livre exercício da sua autoridade, com a faculdade de, na esfera da sua competência, exercer os actos do seu poder de ordem e jurisdição sem qualquer impedimento. O Estado mantém em relação à Igreja Católica o regime de separação, sem prejuízo das relações diplomáticas entre a Santa Sé e Portugal, com recíproca representação, e das concordatas e acordos aplicáveis na esfera do Padroado ou de outros em que sejam ou venham a ser reguladas matérias de interesse comum.»⁽¹²⁾

Neste sensato parecer, alvitrava-se pois: a) que em relação à Igreja Católica, se substituíssem as palavras «religião da Nação Portuguesa», por religião «em que professa a maioria dos portugueses»; b) que quanto às outras confissões religiosas se mantivesse inalterada a redacção de 1933.

Em anexo, foi igualmente publicado o parecer subsidiário emitido pela Secção de Interesses Espirituais e Morais, o qual se resume nas seguintes propostas a) que se incluía o nome de Deus na Constituição; b) que em relação à Igreja Católica se substitua o «regime de separação» por «regime de independência de poderes nas respectivas esferas e mútua colabora-

ção»; c) «quanto às demais confissões religiosas existentes no território português mantêm-se os princípios de liberdade de culto e de organização e reconhecimento da personalidade jurídica das associações religiosas, constituídas de harmonia com as normas da respectiva disciplina.»⁽¹³⁾

Alterando a equilibrada proposta do Governo e apesar dos sensatos pareceres das Secções da Câmara Corporativa consultadas, a Comissão de Legislação e Redacção propôs à Assembleia Nacional que os artigos 45.º e 46.º ficassem assim redigidos:

«Art. 45.º É livre o culto público ou particular da religião católica como da religião da Nação Portuguesa. A Igreja Católica goza de personalidade jurídica, podendo organizar-se de harmonia com o direito canónico e constituir por essa forma associações ou organizações, cuja personalidade jurídica é igualmente reconhecida. O Estado mantém em relação à Igreja Católica o regime de separação com relações diplomáticas entre a Santa Sé e Portugal, mediante recíproca representação, e concordatas ou acordos aplicáveis na esfera do Padroado e outros em que sejam ou venham a ser reguladas matérias de interesse comum.

«Art. 46.º O Estado assegura também a liberdade de culto e de organização das demais confissões religiosas cujos cultos são praticados dentro do território português, regulando a lei as suas manifestações exteriores, e pode reconhecer personalidade jurídica às associações constituídas em conformidade com a respectiva disciplina.

«§ único. Exceptuam-se os actos de culto incompatíveis com a vida e a integridade física da pessoa humana e com os bons costumes, assim como a difusão de doutrinas contrárias à ordem social estabelecida.»⁽¹⁴⁾

⁽¹²⁾ *Diário das Sessões*, de 24 de Fevereiro de 1951, págs. 396, 397.

⁽¹³⁾ *Diário das Sessões*, 24 de Fevereiro de 1951, págs. 415-417.

⁽¹⁴⁾ *Ibid.*, 13 de Abril de 1951, pág. 842.

Esta nova redacção, proposta à votação em 18 de Abril, foi unanimemente aprovada ⁽¹⁵⁾, sendo portanto a que hoje se encontra em vigor.

Quanto ao Ultramar, igualmente por proposta do Governo, o Acto Colonial foi integrado no próprio texto da Constituição, de que ficou a constituir o título VII da II Parte.

Da liberdade religiosa trata o artigo 139.º, que reza assim: «O Estado assegura nos seus territórios ultramarinos a liberdade de consciência e o livre exercício dos diversos cultos, com as restrições exigidas pelos direitos e interesses da soberania de Portugal.»

★

É pena que na actual redacção do artigo 45.º se não haja tido em conta o douto parecer da Secção de Política e Administração Geral da Câmara Corporativa. Com efeito, dizer-se que a Igreja Católica constitui a «religião da Nação Portuguesa», não corresponde totalmente à realidade, porquanto a religião tem que ver com cada indivíduo concreto e não com a entidade abstracta da Nação, e além disso porque há milhares de bons portugueses na Metrópole e no Ultramar que não pertencem à Igreja Católica. A mencionar-se o facto, teria sido preferível referir-se, mais verdadeiramente, e de acordo com o parecer da Câmara Corporativa, que o catolicismo é a religião «em que professa a maioria dos portugueses». Foi essa, por exemplo, a atitude da Irlanda, onde a Igreja Católica ocupa uma posição semelhante à portuguesa. Com efeito, segundo a Constituição Irlandesa, «o Estado reconhece a posição especial da Santa Igreja Apostólica Romana como guardiã da fé professada pela grande maioria dos cidadãos». (Art. 44.º, n. 2).

Não podemos compreender como foi votada, sem qualquer discussão, a redacção actual do art. 46.º, muito menos respeitadora da liberdade religiosa do que a redacção de 1933, do que a pro-

posta de emenda apresentada pelo Governo e do que os pareceres das duas secções da Câmara Corporativa consultadas.

A actual redacção reserva a leis complementares a regulamentação das manifestações exteriores do culto e coloca nas mãos da autoridade o reconhecimento ou não reconhecimento da personalidade jurídica de associações constituídas em conformidade com a respectiva disciplina.

Estas limitações, que no momento presente não oferecem perigo, dada a atitude compreensiva das autoridades que governam o país, podem transformar-se no futuro em armas perigosas manejadas ao sabor das contingências do Tempo e da Fortuna.

A propósito, seja-nos lícito formular um ligeiro reparo quanto à orgânica do actual sistema legislativo. Os assuntos religiosos são estudados na Câmara Corporativa pela Secção dos Interesses de Or-

dem Espiritual e Moral. Essa secção é constituída por cinco membros, representando, respectivamente, a Igreja Católica, as Dioceses Ultramarinas e Institutos Missionários, as Misericórdias, as outras instituições privadas de Assistência, e a Ordem dos Médicos. Estará a secção, assim constituída, em condições de tratar objectivamente os assuntos pertinentes às minorias religiosas? Não deveriam estas estar representadas ali?

Apesar dos senões mencionados, é-nos grato constatar que a actual Constituição Portuguesa continua a respeitar e a defender a liberdade e a inviolabilidade de crenças e práticas religiosas, não podendo ninguém por causa delas ser perseguido, privado de um direito, ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico.

(15) *Ibid.*, 18 de Abril de 1951, pág. 878.

Dez conselhos às sogras

Amái vossos genros e noras, pois vossos próprios filhos os amam, e a felicidade deles e vossa depende em grande parte desse amor. Procurai descobrir neles as qualidades boas, pelas quais vossos filhos sejam a eles atraídos.

Não andeis de uma para outra casa de vossos genros ou noras, para falar deste ou daquele genro ou nora; pois os incidentes pessoais, de vosso conhecimento, talvez sejam causados por vós mesmas. Lembrai-vos de que: «Não andarás como mexeriqueiro entre os teus povos: não te porás contra o sangue do teu próximo». Lev. 19:16.

Não critiqueis a arte culinária de vossas noras, mesmo que a sua ausência afecte um pouco o bem-estar de vosso filho. Se o educastes devidamente, ele mesmo será o mais indicado para regularizar a situação, e em tempo mais oportuno.

Lembraí-vos dos aniversários e

festas de família com o mesmo cuidado que dedicais às datas de vossos filhos.

Elogiai as boas características e a hospitalidade com o mesmo entusiasmo que desejais ver da parte dos sogros de vossos filhos para com estes.

Ensinaí vossos filhos, em todas as oportunidades, a manterem-se a si mesmos. Em vez de tirá-los sempre do apuro financeiro, quando viverem além dos limites de suas posses, orientai-os e dirigi-os, se eles buscam o vosso auxílio.

Não vos intrometais na educação de vossos netos. Ajudai-a apenas, quando vos tornais necessários.

Estai prontas para qualquer emergência, mas não vos precipiteis em vosso desejo de ajudar. Contende-vos. Buscai para vós novos interesses: trabalhos missionários, cuidado do jardim ou horta, etc. Começai agora o que sempre planeastes fazer.

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Um incêndio e suas lições

Fez no mês de Junho 50 anos que a nossa casa publicadora *Pacific Press* foi incendiada. O fogo começara na sexta-feira à noite, e no dia seguinte não restava senão um montão de escombros fumegantes e calcinados. O desastre parecia total, após os prejuízos que o terremoto lhe tinham feito sofrer três meses antes. Os nossos irmãos puseram corajosamente mãos ao trabalho. Em 1905, os *Sinais dos Tempos* (*Signs of the Times*) tinham uma tiragem de 18.000 exemplares; a tiragem de hoje é de 240.000. A venda dos livros era então de 53.000 dólares. Hoje ultrapassa 3.950.000 dólares. A secção de encadernação pode produzir até 4.000 volumes por dia.

«Este incêndio ensinou-nos várias lições», afirmava recentemente I. L. Jones, director da casa. O conselho director decidiu então ces-

~~~~~

Tomai o vosso lar um porto de bonança, um lugar de refúgio dos ataques do Mundo, ao qual vossos filhos e suas famílias gostem de se acolher. Fazei-os saber que em casa sempre há para eles um lugarzinho e um acolhimento cordial.

Sede sábias e amai vosso esposo com o primeiro amor. Esforçai-vos por serdes sempre atraentes, apresentai à mesa pratos apetitosos e não deixeis nunca arrefecer o calor do vosso lar. Não digais nunca: «Quando os filhos estiverem casados, o cuidado do nosso lar perderá a importância.» Haverieis de arrepender-vos disso. Não existe lugar como o lar próprio, por humilde que seja. Vindo então o tempo em que, por motivo de doença ou anciamidade, preciseis de um lar, vossos filhos vos darão as boas-vindas e vos bendirão pelas muitas recordações felizes do tempo da juventude.

K. A. Wright

sar toda a actividade comercial para se ocupar unicamente de obras religiosas. — *Revue Adventiste*, de Paris.

## Lança o teu pão...

No Canadá um dos nossos pastores recebeu um apelo telefónico dum homem que jamais tinha visto. Este último havia apanhado do chão um exemplar da nossa revista «Verdade Presente» (*Present Truth*) num autocarro da cidade. A revista continha uma descrição da segunda vinda de Cristo. Esse homem ficou de tal maneira impressionado que decidiu preparar-se para a volta de Cristo. Dirigiu-se então, por telefone, ao nosso pastor. Este inscreveu-o no Curso Bíblico por Correspondência e, também por telefone, orou com o seu correspondente. Convidou-o a assistir às reuniões do Sábado. «Não posso ir agora, mas irei às reuniões de quarta-feira à noite», foi a sua resposta. Como encontrou essa pessoa o número do telefone do pastor? — Porque ele está indicado em todos os impressos empregados pela igreja para o trabalho missionário. — *Revue Adventiste*, Paris.

## A Escola de Enfermagem de Bagdad, Iraque

«A mais animadora parte do programa que está sendo levado avante no nosso Hospital de Bagdad», escreve Carlos C. Crider, presidente da Missão do Iraque, «é a esplêndida classe de en-

## «O Conflito dos Séculos»

~~~~~

Encontra-se à disposição do público português «O Conflito dos Séculos», essa obra-prima da pena inspirada de E. G. White, que acaba de ser editada pela Publicadora Atlântico, Lda.

Desconto especial no preço para os membros de igreja na União Portuguesa.

fermeiras principiantes. São em número de doze.» Trata-se de uma nova experiência para este hospital e para a sua escola de enfermagem, que há já alguns anos está funcionando.

Até aqui apenas tem sido possível obter algumas poucas jovens adventistas do Sétimo Dia no curso, e assim a classe teve de ser aumentada ao serem admitidas algumas não-adventistas. Algumas das estudantes, durante a prossecução do seu cargo, aprenderam a mensagem e foram baptizadas. A classe actual, porém, é em todo o sentido diferente das classes precedentes, com o resultado de que o trabalho dos que as instruem é muito mais fácil e muito mais satisfatório.

Além disso, estas enfermeiras tomam uma parte activa no culto da igreja e no trabalho dos departamentos da Escola Sabatina e dos Missionários Voluntários. Procedem do Líbano, Irão, Jordânia e Egipto, bem como do Iraque. Esta é a primeira vez que meninas da Jordânia e do Egipto se ajuntam na classe. A influência do nosso trabalho em todos estes países está aumentando por meio desta ampla representação. — *Erwin E. Roenfelt*.

Progresso do Departamento de Publicações na América do Sul

Nicolau Chaij, secretário do departamento de publicações da Divisão Sul-Americana, acaba de enviar um relatório encorajador acerca do progresso do trabalho naquele campo. Durante os primeiros seis meses do ano passado os colportores na América do Sul entregaram o valor de 485.719 dólares (cerca de 13.900 contos) de literatura. Durante o mesmo período deste ano as entregas subiram a 583.627 dólares (cerca de 16.700 contos). Há agora 550 colportores trabalhando no campo

este ano ao passo que em 1955 trabalhavam apenas 417.

Um obreiro no Brasil interessou dois médicos na mensagem, outro um dentista. Os colportores da América do Sul são reais ganhadores de almas para Deus. — *D. A. McAdams.*

A Educação Cristã nas Filipinas

Ao seguir a igreja pela fé o programa da educação cristã inspirado pelo Céu, a bênção de Deus é concedida em rica medida. Um dos nossos campos que mais rapidamente progredem é a União do Norte das Filipinas, e grande parte desse progresso é devido ao esplêndido sistema de escolas estabelecido através dos anos.

Segundo uma carta recente de L. L. Quirante, secretário do departamento de educação da União do Norte das Filipinas, há agora naquele campo 74 escolas primárias, com 3.167 alunos e 124 professores. Na União há duas escolas secundárias dirigidas pelo campo, outras duas escolas secundárias operadas por igrejas locais, e um colégio superior, com uma inscrição total de 698 alunos. A instrução é dada por trinta e nove professores.

O Colégio da União das Filipinas tem 1.238 alunos em todos os departamentos, repartidos por 702 estudantes do curso superior, 277 do curso secundário e 259 do curso primário. Há 54 professores no corpo docente desse colégio. — *Richard Hammill.*

Progresso na Coreia

Quando a sessão bienal da União da Coreia teve lugar na primeira parte deste ano, foram recebidos alguns notáveis relatórios dos resultados das actividades missionárias dos obreiros e membros.

O relativamente novo hospital de Pusan relatou que 2.600 crianças tinham nascido naquela instituição durante os quatro anos. A instituição médica mais idosa, o Sanatório e Hospital de Seul, realiza um activo programa missionário que tem como resultado uma

média de cem baptismos por ano.

Um estudante liceal na cidade de Kwangju inscreveu 2.500 pessoas no Curso Bíblico por Correspondência.

Dentre os 290 órfãos do Orfanato Adventista do Sétimo Dia de Seul, cerca de 30 crianças foram até hoje adoptadas em lares americanos.

Quando se realizou um serviço baptismal na Igreja Central de Pusan há cerca de um ano, no qual 81 candidatos foram baptizados, estava presente um irmão que tinha levado 43 dessas pessoas à aceitação da verdade.

O número dos membros de igreja na Coreia aumentou para 6.103 no fim de 1955, e o número de membros da Escola Sabatina atingiu 15.774. Deus está ricamente abençoando o trabalho na Coreia. — *W. P. Bradley.*

Primeiros membros de igreja de uma nova tribo

W. F. Storz, presidente da União do Nordeste da Índia, re-

lata um facto interessante e enriquecedor, a saber, o baptismo em 2 de Junho de três conversos da tribo Ho no Distrito Chaibasa do seu campo. «Durante 20 anos», diz ele, «temo-nos esforçado por começar a trabalhar nesta nova área linguística, e regozijamo-nos de que pela graça de Deus e por meio das lições da Voz da Profecia temos agora os nossos primeiros membros baptizados».

Estes conversos aceitaram plenamente a mensagem e estavam vivendo em harmonia com os seus princípios durante vários meses antes do seu baptismo. Um deles é um homem de influência na sua tribo e em toda a área circunvizinha.

Uma reunião de reavivamento da Voz da Profecia teve recentemente lugar entre o povo da tribo Ho, com uma assistência nocturna de cerca de 300 pessoas. Como resultado, muitas dessas pessoas estão interessadas na mensagem, e as perspectivas de desenvolvimento da nossa obra entre elas são muito prometedoras. — *Erwin E. Roenfelt.*

A ESCOLA RÁDIO-POSTAL

Graças ao oferecimento e boa vontade do nosso irmão José Graça e de sua esposa, eu e minha esposa partimos, no verão passado, com estes irmãos, no seu carro, em direcção ao norte do País, para uma viagem de dez dias, com o objectivo de visitarmos os alunos dispersos da Escola Radio-Postal, cujo curso terminaram desde a fundação da mesma em Portugal. Obrigados a fazer curtas paragens por onde quer que passámos, nas Províncias do Douro, Minho e Beira Alta, visitámos, no entanto, algumas dezenas de alunos que na generalidade nos receberam bem e se mostraram satisfeitos com a nossa visita.

Como resultado desse contacto pessoal, estamos hoje mantendo nova correspondência e já alguns desses alunos adquiriram os livros «O Desejado de Todas as Nações» e «O Conflito dos Séculos», mostrando também maior interesse no estudo e no anunciar ao Mundo as verdades que representamos.

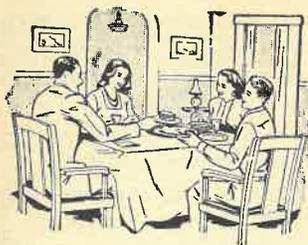
Duma carta recebida recentemente dum aluno entusiasta, a quem fora enviado um estudo sobre a imortalidade, como um exemplo, extraímos os seguintes parágrafos:

«Venho, ainda que tardiamente, responder à sua carta e ao mesmo tempo agradecer o trabalho que teve a gentileza de me mandar. Deus veio por seu intermédio satisfazer o meu maior desejo. Há muito tempo que eu tinha a convicção de que a alma e o corpo formavam um todo e que um sem o outro não podiam viver...

«O primeiro resultado deste estudo já se fez sentir. Foi numa pensão que eu estabeleci conversa com um senhor de posição e cultura. Cada qual com a sua tendência, foi fácil conhecermos-nos sem sermos apresentados...

«Eu, um pequeno industrial e ex-aluno da Escola Radio-Postal, e, ele, um oficial do exército com

(Continua na pág. 13)



O LAR CRISTÃO

UMA MENSAGEM AOS NOSSOS JOVENS

«Une-te, pois, a Ele e tem paz e assim te sobrevirá o bem.» Job 22:21. «Deus é amor», jovens, e Ele quer restaurar em vós a Sua imagem. Ele não vos prejudicará. Não temais dar-Lhe esta oportunidade. Abandonai o próprio eu e permiti que Deus refaça vossa vida. Podeis estar certos de que necessitais desta renovação moral. O pecado fez em vós alguma coisa que não podeis desfazer. Com efeito, somos assinalados pelo pecado, mas Deus por meio de Jesus Cristo, Seu Filho, transformará, maravilhosamente, o coração mais pecaminoso, removendo o estigma do mal e restaurando a imagem do Divino. Fazei de Deus o primeiro, o último e o melhor em tudo que fazeis. Não o lamentareis. Sentir-vos-eis gloriosamente felizes em Sua comunhão.

O nosso código de vida deve incluir o desenvolvimento da mente. Devemos amar a Deus com toda a nossa mente (não apenas uma parte). Paulo escreveu ao jovem Timóteo: «Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação.» II Tim. 1:7. Precisamos de uma mente mais forte, mais perspicaz. Isto só poderá vir mediante diligente disciplina própria e a entrega da mente a Cristo. Isto implica uma atitude de constante investigação da verdade. E que é a verdade? Onde pode ela ser encontrada? A resposta é clara: Nas Escrituras. Podemos tornar-nos mais semelhantes a Deus no caráter e no pensamento, contemplando a Cristo.

Nunca vos esqueçais de que a mente é um mecanismo delicado. Poucos jovens reconhecem quão poderosa é a vontade. Com muitos jovens a vontade está adormecida e quase morta. Continuamente de-

Por
D. A. DELAFIELD

venos fazer o melhor possível para despertá-la e levá-la à acção em favor de Cristo. Que a vontade desperte as vossas faculdades adormecidas! Não tenhais medo de tomar decisões. Aprendei a pensar as coisas bem pensadas. Evitai a obstinação tão cuidadosamente como evitaríeis a fraqueza de vontade. Mas aprendei a tomar decisões sempre tendo em vista a glória de Deus.

O cultivo da mente

A seguir desenvolvi a vossa memória. Decorai todos os dias passagens da Escritura. Aumentai o poder de concentração. A oração conseguirá isto mais do que qualquer outra coisa. Ampliai a faculdade da imaginação e adquiri o hábito de meditar. Ponderai as glórias dos Céus em cima e os mistérios das providências divinas em baixo. Servi a Deus com a vossa mente. Não sejais cristãos que andem como que em transe. Sede inteligentes até ao limite da vossa capacidade. Se julgardes que não tendes muita inteligência, ponde vossa vontade a trabalhar. Ficai surpresos. Podereis ter mais do que julgais. Se sabeis que sois inteligentes, sede cuidadosos. A inteligência não santificada pode ser a maior maldição do Mundo. Mas se desenvolverdes vossa mente ao ponto de alcançardes o génio intelectual e o puserdes sobre o altar de Cristo para ser usado em salvar o mundo perdido, contribuireis mais para esta última geração, do que o termo médio da mente santificada poderia fazer.

A juventude adventista tem um padrão de vida que deve torná-los os jovens mais perspicazes do Mundo, espiritual, intelectual e físicamente. Isto não acontecerá por acaso. Resultará da aplicação de certos princípios que nos são concedidos por um Deus misericordioso, nos livros da Escritura e nos escritos de Ellen G. White. Entre estes importantes testemunhos, não são de menor importância os que se relacionam com a boa saúde física. A luz do Céu, o ar puro, o regime alimentar apropriado, a abundância de água pura, exercício ao ar livre, sono e confiança em Deus são as coisas que levam à saúde perfeita. Negligenciar isto é perigoso. Segui estes princípios e procurai ter uma constituição sadia que resista à pressão desta vida moderna. «*Alguma coisa melhor*» deve ser a senha de vossa vida.

Fazei completa a linha de demarcação entre vós e o Mundo. Separai-vos e sede cristãos. Não brinqueis com o pecado. Lembrai-vos da mulher de Lot. Os verdadeiros cristãos podem ser considerados como extremistas pelos profanos e também por alguns cristãos profanos, mas isto não vos deve preocupar se estiverdes vivendo em comunhão com Cristo e gozando de vida abundante. Lembrai-vos de que a oposição não é o que parece ser. Não vos assusteis com o «leão que está na rua». Evitai os extremos mas mostrai por vossa vida que o cristianismo significa conversão completa. Fazei tudo por Deus!

Muitos cristãos seguem o que eles chamam uma atitude de largueza em relação à vida religiosa. Acentuam, e muitas vezes devida-mente, as grandes e fundamentais verdades do evangelho: Amor a

Deus e amor ao homem. Estão certos nisso. Mas esquecem-se de que a largueza de pensamento não é o pensamento raso. O cuidado de Deus é tão expansivo que abrange o universo, e Ele guia as grandes e brilhantes estrelas em sua marcha nas suas órbitas. Mas ao mesmo tempo Ele cuida dos pardais, numera os cabelos da vossa cabeça e junta os fragmentos para que nada se perca. Cristo disse: «Aquele que é fiel no mínimo, é fiel no muito.» S. Luc. 16:10.

Vivendo pela Palavra

Ora, há muitos que são fiéis no «muito», mas descuidados acerca do «mínimo». Não nos esqueçamos de que nos estamos preparando para a trasladação, de uma atmosfera da vida mortal no mundo de pecado para a vida imortal no mundo de justiça. A Bíblia e o Espírito de Profecia foram-nos dados para nos ajudarem na preparação. Nenhuma palavra em demasia foi escrita para nosso conselho e advertência. Jesus declarou ao lutar contra a tentação: «Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus». S. Luc. 4:4. Aqueles a quem Deus há-de trasladar serão os que tremem à Sua palavra. Isa. 66:5.

Pensai nos três jovens hebreus. Aqueles jovens tinham feito da Palavra de Deus seu conselheiro. Esta palavra declara: «Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no Céu, nem em baixo na Terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas, nem as servirás.» Êxo. 20:4 e 5. Para eles isto bastava. Nem mesmo a ordem do rei de Babilónia, de adorar a imagem de ouro, po-

deria levá-los a violar a lei do Senhor. Arriscaram a vida quando ousaram ser diferentes dos outros. Foram acusados de deslealdade e de espírito rebelde, contudo mantiveram a sua lealdade para com Deus. A vida para eles significava que deviam viver *por toda a palavra de Deus*.

Assim escolhei vós o caminho de Deus. É melhor do que o caminho do Mundo. «*Alguma coisa melhor deve ser a senha da vida*». Fareis maior quantidade de bem na terra e tereis a certeza de um lugar no Céu se fordes fiéis no mínimo, assim como no muito.

E mais, vivamos sempre para fazer bem aos outros. Isto far-nos-á felizes. Testemunhai em favor de Cristo no lar, na rua, no escritório, na sala de aulas, no trabalho e no brinquedo. Esquecei-vos a vós mesmos no trabalho pelos outros. Vêde quão felizes vos tornareis! Caminhai a segunda milha. Sede bondosos, corteses, atenciosos. Senti a sensação da ventura conseguida por um novo e altruista testemunhar em favor de Cristo. «Partilhai vossa fé» em Jesus. Erguei-vos acima da atmos-

fera estreita de um viver introvertido e exultai no testemunho vibrante e altruista de um cristão renascido que vive para levar aos outros a chama da vida abundante.

Lembrai-vos, então, que na escolha de uma vida mais elevada os desejos e concupiscências da velha vida desaparecerão. Em Cristo, na oração, no banquetear-se com a Escritura, no serviço aos outros e em passatempos naturais e apropriados se encontrará alegria e felicidade. Isto ajuda a nova vida, ao passo que nas diversões e prazeres mundanos só se encontra combustível para o fogo das velhas paixões e concupiscências. Ó jovens, quando encontrardes Jesus como o centro, ficareis surpreendidos com o estranho envaidecimento que outrora vos seduzia. Que elementos fracos e indignos são estes! Que louco desperdício de tempo! Mas agora, que maravilhosa transformação!

Ponde Deus no primeiro lugar da vossa vida. Amai-O com todo o vosso coração, todo o entendimento, todo o corpo e toda a força, e sereis ricamente recompensados.

A ESCOLA RÁDIO-POSTAL

(Continuação da pág. 11)

a patente de major e ex-aluno da Escola Militar. Eu, um adventista, e, ele, um espirita...

«Combatendo erros e más interpretações, tudo se passou na melhor harmonia, até que no final, eu, por um dever de delicadeza, pedi desculpa a sua Ex.^a. A sua resposta foi: 'Não tem nada de pedir desculpa. É uma honra para si o ter conseguido prender-me, desde as onze horas da noite até às três da madrugada, com uma conversa que me foi muito agradável. Estivemos em desacordo, mas em tudo que discordámos apareceu sempre luz. Faço votos pelos seus progressos...'

«Como vê, nada podia dizer se nada tivesse estudado. Portanto, fico-lhe muito agradecido pelo bom trabalho que me ofertou...»

Fizemos também, na nossa viagem, conjuntamente, larga propa-

ganda em favor dos programas da «Voz da Profecia» que foi inesperadamente interrompida, devido ao posto emissor de Maghreb ter recusado, à última hora, renovar o nosso contrato em benefício duma organização protestante, para a qual reverteu, em grande parte, todo o nosso esforço.

Acabamos, porém, de receber a notícia de que por um outro posto emissor, também de Tânger, vão recommençar os programas da «Voz da Profecia» aos domingos, às 10 horas da manhã, em onda curta, a partir do dia 23 deste mês. É o único tempo que nos podem dispensar, embora não satisfaça dum modo geral, por não haver a essa hora da manhã corrente eléctrica em muitas terras do país. Contudo, peçamos a Deus a Sua bênção para este trabalho e tenhamos fé nos seus bons resultados.

A. F. Raposo

Este número foi visado
pela
Comissão de Censura

«Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.»

Zac. 4:6

A Missão de Lucusse está situada no coração da tribo dos Luenas, abrangendo todo o campo missionário as tribos dos Luenas, Quiocos (uma parte), Luchazes, Bundas e outras. Compreende um vasto campo com as diversas características dos seus povos. A região dos Bundas foi recentemente ocupada pela Mensagem Adventista, cuja parte central se encontra a duzentos e quarenta quilómetros da Missão. Um pastor e três mestres nativos estão levando à frente naquela região a tarefa de salvar almas, enquanto que a parte restante do campo está a cargo de um outro pastor e seis mestres. Possuímos uma escola principal, a qual prepara os alunos vindos das escolas das catequeses com o fim de ingressarem no Instituto de Freixo do Bongo, de onde sairão aptos a abrir novas escolas e catequeses no interior deste campo missionário.

Fundada há cerca de vinte e cinco anos, a Missão do Lucusse nestes últimos tempos tem-se desenvolvido de um modo considerável. Estão-se conchendo os frutos dos labores e canseiras dos primeiros missionários que ali desbravaram o terreno, lavraram e semearam. O Senhor tem abençoado ali também a Sua obra, e os resultados estão patentes. Todavia, os primeiros anos da sua existência foram árduos e, por vezes, desanimadores pelos grandes contratempos que aqueles nossos Irmãos tiveram de enfrentar e vencer. Não só a doença e a morte, como no caso do Irmão Ataíde Candeias, que ali perdeu a sua primeira esposa vitimada pela biliosa e que, pela graça de Deus não perdeu igualmente o seu primogénito Samuel; mas, também pela índole do povo que, por pouco não inutilizou logo de início as esperanças acalentadas sobre o estabelecimento da Obra nesta região.

LUCUSSE — ANGOLA

Quando pela primeira vez visitei a Missão do Lucusse, ali encontrei o jovem catequista nativo Joaquim Tito, o via pouco tempo e que fora meu aluno no Instituto do Bongo. O Tito apresentou-me seu pai, o velho Chiuáia, antigo catequista dos tempos do princípio da Obra no Lucusse, mas que, infelizmente, apostatará da fé.

Mais tarde, anos depois, quando tomei conta da direcção deste campo, entre os chefes nativos que me vieram cumprimentar, achava-se o Chiuáia. Interessei-me por ele, e procurei saber a sua história, que me foi assim contada:

Por ocasião da fundação da Missão, o missionário que viera da Missão da Luz com tal encargo, trouxera com ele um grupo de membros da nossa Igreja da tribo daquela região, os Quiocos, juntamente com pedreiros e carpinteiros. Entre esta pequena colónia vinha o nosso Chiuáia, que desempenhava as funções de catequista e de chefe nativo do grupo. Tinha sido escolhido pelas suas boas qualidades como evangelista, bem como pela sua personalidade.

Ao chegarem os Quiocos ao Lucusse, estabeleceram as suas casas numa aldeia Luena. Com o decorrer do tempo, devido a má influência dos Luenas, muitos dos da nossa gente foram seduzidos pelas práticas pagãs e apostataram da fé; entre os transviados encontrava-se o Chiuáia. Os restantes, que se mantiveram fiéis, separaram-se dos seus companheiros e foram fixar-se noutra localidade, mais próxima da Missão.

Quando daquela vez encontrei no Lucusse o mestre Joaquim Tito, tinha ido ele ali para ver seu pai, a quem desde há longa data se estava esforçando por trazer de novo ao seio de Cristo. Nobre propósito, este, que me impressionou, desde que dele tive conhecimento!

Presentemente, o velho Chiuáia, continua sendo o «secúlo» (chefe) daqueles que lhe restavam dos pri-

mitivos tempos da história da Missão do Lucusse. O nosso simpático mestre Joaquim Tito, sempre que se lhe oferece oportunidade, não deixa de falar ao pai no caminho errado em que tem andado e de o animar a consagrar-se de novo ao Senhor Jesus.

Estimulados pelo amor filial do Tito, na Missão decidimos emprender uma campanha não só a favor do Chiuáia, mas também de toda a sua gente. Grupos de jovens dos M. V. durante semanas seguidas, em mês após mês, apresentaram naquela aldeia as suas mensagens e cantaram os seus hinos. Durante três anos ali temos realizado a Escola Sabatina, além de outras reuniões especiais em certas noites em que os leões não apoquentam a região.

Como resultado destes esforços assim conjugados, na aldeia do velho Chiuáia temos uma Escola Sabatina organizada, a qual já produziu os seus frutos traduzidos por algumas almas baptizadas em 1955 e noutras que na classe baptismal se preparam para 1956. Em breve, naquela aldeia uma escola de adobe será construída com a colaboração dos seus habitantes, cujo maior interessado é o Chiuáia, o qual nos dá esperanças de não muito tarde, finalmente, pedir o seu rebaptismo.

O Senhor é longânimo, e quando o nosso antigo colaborador, de novo se ajoelhar aos pés de Cristo, o jovem Tito terá ganha uma estrela para a sua coroa. Que assim seja!

Vitorino Chaves

As nossas emissões religiosas em português foram interrompidas. Se os planos em estudo se efectuarem, recomencarão em breve, todos os Domingos, às 10 horas da manhã.

NOTÍCIAS DO CAMPO

AMADEU DA CRUZ CALDEIRA — Acompanhado de sua esposa, embarcou no dia 10 de Novembro, para Angola, o Sr. Amadeu da Cruz Caldeira. Que o Senhor se digne abençoar grandemente este casal missionário no seu campo de actividade.

PASTOR MANUEL LOURINHO — Vindo de Angola, chegou no dia 1 de Dezembro a Lisboa o Pastor Manuel Lourinho, presidente da União da África Portuguesa. Vinha acompanhado de sua esposa e filha. As mais cordiais boas-vindas.

UNIÃO PORTUGUESA

Lisboa

A Semana de Oração terminou com chave de ouro para as igrejas de Alvalade e Cova da Piedade. Com efeito, no dia 24 de Novembro sete almas, duas da primeira igreja e cinco da segunda, davam público testemunho da sua fé, descendo às águas baptismas. A cerimónia, dirigida pelo Pastor Pedro B. Ribeiro, teve lugar na Igreja da Rua Joaquim Bonifácio.

Testemunho de um Colportor

Prezados irmãos adventistas e benévolo leitores.

Seja-me permitido mais uma vez expressar humildemente nestas linhas o meu sincero desejo de partilhar convosco por esta via as bênçãos que das lições da Escola Sabatina tenho usufruído.

Após uns calorosos testemunhos pessoais que ouvi num Sábado Especial da Escola Sabatina, senti a inspiração de escrever estas humildes e simples linhas. Voltei os meus pensamentos para as primeiras lições estudadas no meu trimestre, que — ainda me lembro — tratavam das leis divinas quebradas pelo homem.

Graças ainda hoje dou a Deus pelo gozo espiritual que essas lições me vieram renovar após o dito testemunho.

Bem faço eu, e todos os irmãos e alunos da Escola Sabatina, em sermos diligentes em estudar os sete dias afincadamente, e pedir ao mesmo tempo sabedoria a Deus.

Que Deus abençoe as suas lições, para que fiquem sempre bem gravadas em nossa mente e nos sirvam de arrimo espiritual são os votos que faço para mim e para todos os professores e alunos da grande e mundial Escola Sabatina, e que naquele dia possamos ver com alegria os frutos dos nossos estudos diários, e da nossa presença pontual nesta bela Escola de Cristo.

Com sincera amizade cristã, fico vosso irmão

Isaías da Silva
Colportor Evangelista

UNIÃO DA ÁFRICA PORTUGUESA

Instituto do Bongo

Na nossa maior instituição escolar de Angola, o Instituto do Bongo, treinam-se aqueles que vão realizar a maior tarefa no trabalho de Evangelização. São eles que vão contactar directamente com as pessoas, nas suas aldeias, e lhes transmitem as palavras de vida que lhes abrirá o caminho da salvação.

No instituto funcionam, além do Curso de Catequistas, as secções de adaptação, primária e doméstica.

Este ano o Curso de catequistas tem 50 alunos divididos por 3 anos. Para entrada no C. C. é necessário, além do diploma do ensino de adaptação, frequentar com aproveitamento a 4.ª classe primária. Assim, um catequista tem em média 8 anos de preparação, não contando com o ensino infantil, criado este ano.

O Curso compõe-se de parte teórica e prática. A parte teórica compreende as cadeiras bíblicas, pedagógicas, de evangelismo, organização escolar, etc. Treinam-se, ainda, na consulta de livros.

Na parte prática, procura-se levar os catequistas ao contacto com o seu verdadeiro trabalho. Procurou-se que, assim, colaborassem em todas as actividades da igreja, seja na Escola Sabatina, seja no trabalho com os jovens, etc.

Um dia de actividades do Curso de Catequistas é o seguinte:

Às 6,30 da manhã, têm a devoção matinal, juntamente com todos os outros alunos dos dormitó-

rios. Das 7 às 7,40, têm uma aula de estudo debaixo da vigilância dum professor. Depois das 9 horas, aulas. Às 9, logo a seguir ao recreio, realiza-se a capela três vezes por semana e noutros dias as classes progressivas e música. Depois, dali até ao meio dia, continuam as aulas. Após o almoço, têm trabalho nos vários departamentos da Missão: agricultura, indústrias, vacaria, obras, etc. Das 19,15 às 21, têm então tempo para estudar as suas lições para o dia seguinte. Ao domingo, de madrugada, os alunos finalistas (3.º ano), saem para uma aldeia gentia, a alguns quilómetros da Missão, onde estão dando estudos bíblicos nas casas, e fazendo outras reuniões, sob a direcção do professor de evangelismo Pastor Mário Abel.

Os alunos que actualmente estão no curso, são oriundos de várias Missões: do Cuale (Gingas), da Luz (Quiocos) e humbundos vindos das mais variadas regiões da sua raça. Esperamos que nos próximos anos outras missões, mais novas, possam enviar também os seus alunos.

Este ano escolar estende-se por 9 meses, tendo-se iniciado em 26 de Agosto. Chegados ao fim de Maio, realiza-se a campanha evangelista. Ali os alunos tomam contacto directo com o seu futuro trabalho. Durante três semanas, mais ou menos, temos trabalho em conjunto, de todos os anos, fazendo estudos bíblicos de casa em casa, tratamentos, reuniões nocturnas, etc.

Voltando da Campanha, e depois de terem saído os resultados, realiza-se a cerimónia da Graduação, sem dúvida a mais importante da sua vida académica. Com os seus melhores fatos, o seu mais feliz aspecto, realizam a sua festa, com hinos, palestras, etc. Então, aos finalistas são concedidos os diplomas, e aos que passarem de ano, os certificados. À saída, enchem-nos de flores, e é realmente um dia de festa, e felicidade, para aqueles que passaram.

O futuro da nossa obra aqui em Angola, depende em grande parte destes rapazes, que passam aqui, na sua preparação para o ministério. Não estamos ainda atingindo o máximo nesta preparação, e temos que nos chegar cada vez mais para que a transição entre

Ao darmos a nossa primeira notícia após termos sido chamados para este departamento da obra de Deus, as nossas primeiras palavras são para saudarmos os nossos prezados leitores e amigos.

Ao apresentarmos o relatório das vendas dos nossos Colportores e estudantes-Colportores, pedimos desculpa pelo atraso do relatório, mas não nos foi possível apresentar mais cedo os relatórios dos meses referentes ao relatório agora apresentado, por estarmos demasiado ocupados com uma campanha de novas assinaturas para a revista «Saúde e Lar», em boa hora iniciada em meados de Outubro, tanto em Lisboa como no Porto, assim como em Setúbal.

Para esta campanha foram chamados alguns Colportores e foram recrutados outros, alguns dos quais apreciaram tanto o trabalho para que os chamámos, que decidiram dedicar-se à Colportagem, encontrando-se bem animados e registando excelentes resultados.

Nas Igrejas de Lisboa e Porto dezenas de Irmãos colaboraram de tal maneira e com tanto entusias-

mo, que fizeram dezenas de assinaturas para a nossa bela revista, destacando-se de entre eles alguns do Porto, que, só à sua parte, conseguiram meia dúzia de assinaturas cada, continuando a trabalhar nesse sentido. Para estes estimados Irmãos vão os nossos melhores agradecimentos, assim como para os demais que responderam ao nosso apelo, sendo consolador vermos aos domingos, no Porto, mais de vinte e cinco pessoas, a maioria jovens, cheios de entusiasmo, levando a revista de casa em casa.

DEPARTAMENTO DE COLPORTAGEM

mo, que aprendem aqui, e o que vão ensinar e viver depois lá fora, seja cada vez mais pequena. Novos meios, precisamos, novas energias, novos materiais, nova visão do futuro, são necessárias para podermos levar avante este trabalho com êxito.

Quando cada manhã, ao dirigirmo-nos para as aulas, encontramos este grupo de rapazes, nós pensamos nas lutas, nas dificuldades que cada um tem a vencer até chegar ao fim do seu curso. Nós, que conhecemos alguns, quando estavam ainda nas classes mais baixas, e os vemos agora prestes a terminar o seu curso, podemos compreender a transformação que se operou. Cada vez se exige mais do catequista, principalmente no trabalho de educação a realizar, e na evangelização. Se o seu treino nestes dois pontos é fraco, fraco será o seu futuro trabalho.

Estes são os que fazem a obra em Angola. Que buscam as almas, em cada «tribo, língua e povo».

Que Deus ajude cada aluno e cada professor na sua responsabilidade e que, todos juntos, possamos apressar a vinda de Jesus.

Joaquim Alegria Morgado

Mais de setecentas e cinquenta assinaturas foram feitas em menos de dois meses de campanha e esta prossegue com o mesmo entusiasmo com que foi iniciada, pelo que chamamos a atenção de todos os nossos Irmãos para que divulguem

a nossa revista, que é o melhor elemento para levarmos o Evangelho da Saúde às almas, uma vez que foi a mensagem que ocupou uma grande parte da actividade incansável do Senhor Jesus Cristo na Terra.

O Conselho da União votou introduzir melhoramentos na «Saúde e Lar» a partir de Janeiro próximo e estamos certos de que em breve não haverá um único lar adventista onde esta abençoada revista não tenha um bom lugar entre a leitura escolhida, lembrando-nos de que ela é apreciada por muitos milhares de pessoas de todas as categorias no nosso País.

Que a nossa bela revista possa servir a todos com os seus conselhos é o desejo do vosso conservo no Senhor,

J. Simões Grave

Departamento de Publicações

da União Portuguesa

Relatório de vendas referentes a Agosto-Outubro de 1956

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	758	9.790\$00	4.645\$00	14.435\$00
Manuél Correia Ratana	443	10.390\$00	2.025\$00	12.415\$00
Adelino Diogo	472	6.295\$00	810\$00	7.105\$00
Isaías da Silva	305	5.710\$00	255\$00	5.965\$00
António Tomás Aguiar	292	4.585\$00	1.165\$00	5.750\$00
António A. Maurício	204	3.000\$00	2.730\$00	5.730\$00
Armando J. S. Ferraz	164	5.580\$00	30\$00	5.610\$00
Eliseu Gomes	464	3.090\$00	1.545\$00	4.635\$00
Maria Luísa S. Serra	186	—	4.610\$00	4.610\$00
Joaquim Dias Oliveira	185	3.090\$00	480\$00	3.570\$00
Cipriano Moraes Silva	158	2.010\$00	1.270\$00	3.280\$00
João José P. Lopes	158	2.310\$00	—	2.310\$00
Flora Saramago	180	175\$00	705\$00	880\$00
Manuel de Oliveira	149	690\$00	105\$00	795\$00
Maria Conceição Rezende ...	127	405\$00	355\$00	760\$00
Januário Quintino	283	570\$00	125\$00	695\$00
Júlio Augusto D. Luís	34	—	245\$00	245\$00
Diversos	836	4.730\$00	1.430\$00	6.160\$00
Totais	5.408	62.420\$00	22.530\$00	84.950\$00

O Secretário de Publicações

J. Simões Grave